



GERANDO GÊNERO: TRANSMISSÕES E TRANSFORMAÇÕES INTERGERACIONAIS DE PADRÕES DE GÊNERO ENTRE JOVENS E SUAS MÃES NAS CAMADAS POPULARES

Patricia Oliveira¹

O tema dos processos entre gerações será discutido nesse artigo sob duas perspectivas: a primeira, teórica, assinalará alguns desenvolvimentos de conceitos importantes desse âmbito ainda insuficientemente abordado das ciências sociais. A segunda terá como base um exemplo empírico que aclarará os resultados de uma pesquisa qualitativa a esse respeito, no qual entrevistas, discussão em grupo e observações participantes foram realizadas com um grupo de jovens e suas famílias em dois anos consecutivos. A escolha de um grupo de estudantes do ensino médio público em Campinas baseou-se no interesse por pesquisar como as novas gerações das classes populares urbanas, cujas famílias frequentemente são provenientes de áreas rurais e remotas, lidam com as novas chances educacionais e profissionais do meio urbano e se posicionam quanto aos valores e representações de suas famílias.

Gerações, generatividade, individuação

Um dos aspectos fundamentais para entender a possibilidade de mudança ou emergência de fenômenos sociais é o que se refere à renovação geracional. Para Hanna Arendt, a renovação humana através das novas gerações estaria intimamente relacionada à possibilidade de liberdade, devido à sua conexão com "fato de que cada ser humano, tendo em vista que pelo nascimento vem a um mundo que já existia antes e vai continuar depois de sua morte, é ele mesmo um novo começo" (Arendt, 1993, p. 34). Essa possibilidade de mudança devido à sucessão geracional leva a indagar sobre a possibilidade de um conceito de geração que vá além de seu uso cotidiano e possa ser visto em sua ligação com transformações sociais.

Nas ciências sociais, uma das mais influentes e pioneiras abordagens do conceito de geração é aquela de Karl Mannheim (1964). Redigida nos anos 20, essa contribuição prima por afirmar como gerações somente se constituem como grupos sociais com características próprias através de suas experiências compartilhadas de eventos históricos marcantes. Assim, uma geração caracteriza-se por entender-se como tal e partilhar um determinado ponto de vista a respeito da cultura na qual

¹ Doutora em sociologia pela Universidade de Frankfurt, Alemanha.



está inserida. Segundo Mannheim, esse sentimento geracional partilhado faria com que a geração substituísse a anterior na função de representar e dar continuidade à cultura local. Essa definição diferencia-se daquelas que vinculam geração com os ciclos de reprodução biológica; a presença de indivíduos de idades semelhantes, sem que haja experiências sociais e históricas compartilhadas, não os qualificaria como uma geração.

Também determinante nessa teoria é o argumento segundo o qual tais indivíduos que chegam a compor uma geração tenham vivenciado os tais processos sociais e históricos que possibilitam um entendimento específico de sua cultura durante os chamados anos formativos. Esse período ocorreria entre o final da adolescência e o começo da idade adulta. Segundo Kohli (1996, p. 3), isso se deveria ao fato de que, nessa fase, as experiências históricas vividas marcariam a forma de esses indivíduos identificarem-se socialmente².

Subjacente a essa discussão sobre o termo geração como conjunto social com características em comum, pode-se notar a relevância do estudo dos processos de aquisição e transformação de conhecimentos sociais. Um dos recentes comentadores das teorias de Mannheim a esse respeito é Ralf Bohnsack (1991), que desenvolve a noção de espaço social de experiências conjuntivas com base em argumentação já presente na definição manheimiana de geração. De acordo com Mannheim, conhecimento conjuntivo seria aquele localizado em comunidades conjuntivas ou em espaços de experiência, definido como atos de moldar e interpretar o mundo em que se vive. Segundo explicam Kettler e Meja, mesmo sendo muitas vezes implícito, “tal conhecimento é qualitativo, julgador, situacional- e não pertence nem ao indivíduo isolado nem às faculdades humanas universais” (Kettler e Meja, 1995, p. 46).

No nível familiar, gerações têm um significado distinto, ligado ao parentesco, sem qualquer tradução direta para as gerações sociais de que escreve Mannheim. Refletindo sobre os processos entre indivíduos em diferentes posições de uma linhagem familiar e comparando-os com aqueles de nível social, Kohli aponta que “deve haver algum tipo de ligação [entre ambos], que um conflito geracional no nível social deve ter algo que ver com o conflito entre pais e filhos no nível familiar, sem que seja óbvio como essas ligações se estabelecem” (Kohli, 1996, p. 15).

Bettina Dausien também expressa a importância de um nível de análise das gerações que vá além da dualidade de uma perspectiva estrutural das relações entre gerações sociais ou de uma centrada nas interações sociais concretas e constelações psicológicas das relações entre gerações em

² Essa teoria é, no entanto, contestada por pesquisadores que afirmam que indivíduos mais jovens também poderiam desenvolver um sentimento geracional, como no caso daqueles que foram criados na Europa pós-guerra e cuja infância nesse período tornou-se marcante (Rosenthal, 2002).



famílias, por exemplo como nas dinâmicas de relacionamento entre mães e filhas. A análise sugerida vai além dessas dimensões por incluir um terceiro nível, no qual “constelações sociais (‘estrutura’) e inter-relações geracionais (‘ação/ interação/ significado’) se cruzam na estrutura experiencial subjetiva e reflexiva da biografia” (Dausien, 2001, p. 67). De acordo com essa caracterização, Dausien ressalta a “constituição fundamentalmente interativa das relações entre gerações; formas de experiência são construídas em um processo ativo de negociação entre as gerações e esse processo ocorre em ambas direções, da mais jovem para a mais velha e vice-versa” (ibid, p. 69).

Para além da interatividade dessas negociações, a própria construção social de uma determinada geração requer a delimitação das fronteiras entre essa e as gerações precedentes e sucessoras. Ou seja, requer momentos de “identificação de uma comparação estrutural com outras gerações, seja no sentido de intermediação ou de continuidade em face de mudanças”, instâncias essas que não podem ser apreendidas teórica ou abstratamente, mas sim “empiricamente baseadas nos múltiplos posicionamentos de biografias concretas” (ibid, p. 63). Esses posicionamentos referem-se a categorias e classificações sociais de classe, gênero, etnia, pertencimento cultural e idade, sujeitas a múltiplos cruzamentos e nunca passíveis de serem contempladas isoladamente. A relevância da constituição interseccional de experiências geracionais aponta para as configurações específicas e situadas de diferentes gerações. A novidade reside, nesse caso, na perspectiva interccional que permite vislumbrar sujeitos antes invisíveis por trás de categorias monolíticas seja de classe ou de gênero, que obscurem o cruzamento de vários pertencimentos para indivíduos ou grupos concretos.

Outra perspectiva que abrange a inter-relação entre processos entre gerações familiares e transformações sociais e destaca como inovações podem emergir nesse contexto é aquela em torno do termo como generatividade. Originalmente concebido por Erikson (1963) como uma capacidade adulta de cuidar e guiar as novas gerações, o conceito de generatividade também pode ser usado para pensar a criação de novas realidades sociais, em seu potencial de processo ligado à sucessão geracional nas sociedades modernas. Essa ligação se daria pela função da generatividade de preparar e equipar os jovens para tal função social, em uma fase em que eles se apropriam do conhecimento social o qual será mantido ou transformado por esses jovens (King, 2002, p. 49-50). King conecta esse processo com a tarefa generativa dos pais em sociedades atuais de oferecerem um espaço de livre desenvolvimento e múltiplas experiências para os jovens, nos quais eles podem desenvolver a individualidade bem como novas visões e práticas culturais que possivelmente



transcendam o entendimento cultural dos pais. Caberia àqueles encarregados dessa generatividade permitir e apoiar esse processo de atualização cultural, o que King considera uma tarefa freqüentemente difícil e cujos resultados afetariam ambas as gerações envolvidas, o que mostra o caráter interativo de mecanismos intergeracionais.

O conceito de generatividade também pode ser visto em conexão com os processos próprios da juventude, em relação dialética com outros níveis de desenvolvimento individual e social dessa fase. Para King, esses processos se referem primariamente à transformação dos laços infantis e à construção interativa da condição de sujeito independente. Essa construção pode ser chamada de individuação, que corresponde à maneira individual de processar e interpretar as experiências passadas e presentes, sejam elas trajetórias educacionais ou demais processos e escolhas. Esse processo de reflexão e individuação produz, ao final, uma configuração que influenciará de maneira positiva ou negativa as possibilidades futuras, correspondendo assim a um potencial criativo ou restritivo pessoal. Do outro lado da relação dialética está a generatividade, mais arraigada em estruturas sociais, que, apesar de parecerem externas aos indivíduos, na verdade são também constitutivas destes, como se nota a respeito das relações intergeracionais. Nestas relações, o fato da geração progenitora prover recursos, competências, atitudes e condições específicas ao desenvolvimento dos jovens está intrinsecamente ligado ao potencial que esses possam vir ou não a desenvolver no processo de individuação.

À guisa de resumo, os processos sociais ligados às gerações, à generatividade e à individuação mostram-se centrais para entender o desenvolvimento temporal e a ocorrência de transformações e mudanças nas sociedades. Esses processos se vinculam de maneira especial com a fase da juventude, na qual é construída a condição de adulto, com entendimento cultural distinto das gerações prévias e possibilidade de inovação social. Porém, é impossível contemplar essa fase como uma clara transição para uma existência adulta individuada e estável: como afirma Giddens (2002), na alta modernidade, os processos de diferenciação individual hoje se diluem progressivamente ao longo de todo o curso da vida, tornando identidades fluidas e sempre sujeitas à reformulação, além dos laços familiares tornarem-se mais complexos e sujeitos a renegociações e cooperações para além de um rompimento claro e definitivo com o advento da idade adulta.

Negociações intergeracionais: um exemplo empírico

Através do grupo pesquisado, identificado como das camadas populares nas quais certa segurança social havia sido alcançada, tentarei mostrar mudanças nos comportamentos e



concepções de duas gerações, principalmente no que se refere ao papel da mulher na família e na sociedade. Essas se fizeram notar tanto no âmbito da organização familiar dos entrevistados quanto no de suas construções biográficas. Mesmo que a inserção da mulher no mercado de trabalho, para várias famílias pesquisadas e em conformidade com a literatura sobre o tema, fosse utilizada como um recurso no caso do homem não lograr ser o único provedor, uma grande mudança se delineava para as jovens gerações. Apoiadas pelos pais, essas eram incumbidas de levar adiante o projeto de melhorar de vida que motivara tantas famílias a migrar para os grandes centros urbanos. Essa incumbência significava uma ênfase na base educacional e formação profissional que possibilitariam empregos qualificados. Enquanto planos educacionais e profissionais (apoiados pelas mães) apontavam significativas mudanças para o curso de vida das mais jovens em relação às trajetórias maternas, muitas atribuições tradicionais de gênero mostraram-se persistentes .

Para expor como, dentro desse contexto de representações e experiências conjuntivas, construções intergeracionais caracterizadas pela simultaneidade de mudança e persistência desses padrões sociais são possíveis, enfocaremos aqui as construções de Michelle. Aos dezessete anos, essa não apenas participou ativamente da discussão em grupo como também se mostrou disposta a participar de entrevistas em dois anos consecutivos, no ambiente escolar como em sua própria casa. A primeira entrevista foi realizada nas primeiras semanas do ano letivo em que Michelle cursava o terceiro ano do ensino médio e concentrou-se em sua história de vida e familiar. Um dos temas narrados de modo mais abrangente foi o do relacionamento de Michelle com José Mauro, que já durava alguns anos. Um dos traços marcantes desse relacionamento era seu entrelaçamento com a família de Michelle, já que seu namorado era um amigo de seu irmão que se tornara quase um membro da família devido principalmente a sua proximidade com a mãe de Michelle. Esse fato vinha a calhar com a extrema ligação de Michelle com sua mãe, como ressaltado em sua narrativa. Esse posicionamento dentro dos relacionamentos com o namorado e com a mãe torna-se claro em uma passagem na qual Michelle discute sua intenção de casar-se com José Mauro na igreja. Apesar de alegar que essa cerimônia não seria um objetivo seu, Michelle narra como para sua mãe isso seria importante já que ao se casar com o pai de Michelle as diferenças religiosas impediram a realização de tal rito.

Esse exemplo não deve, no entanto, ser entendido como indício de uma falta de autonomia em relação à geração mais velha, já que negociações e renúncias de ambas as partes são ressaltadas na construção de Michelle sobre o central relacionamento com sua mãe. À medida que Michelle ganha autonomia, esse mecanismo de negociação com a mãe confere maior plasticidade a



esse relacionamento. Um ano mais tarde e já freqüentando uma faculdade noturna, Michelle narra os mais recentes desdobramentos de seus relacionamentos com a mãe e com o namorado:

M: A gente conversa bastante eu e minha mãe, sempre conversou, sobre tudo, tudo que eu faço conto pra ela ai tudo que eu tive duvida eu conto... A gente vai junto, até todo mundo acha estranho, minha mãe, minhas amigas falam que a mãe delas não falam nada tal e minha mãe não, minha mãe conversa pra caramba, ai a gente vai no medico juntas ai ela fala se você quer entrar sozinha, daí eu falei não, a gente entra, e todo mundo conversa junto a medica, eu, ela (...) Assim, agora eu já não sou mais virgem então antes eu sempre conversei com ela, falava tudo assim né, daí eu falava ai mãe o que você acha e ela falava assim não, eu gostaria que fosse depois do casamento mas eu acho que se você achar que não então tudo bem, só tem cuidado ai ela me levou na medica porque eu já tomava anticoncepcional por causa de hormônio dai ela levou na medica ai perguntou se continuava com esse, continuou normal, dai depois conto tudo pra ela, tiro duvida com ela.

I: E como foi falar com ela sobre isso?

M: Não eu falei assim mãe, eu falei assim ah mãe a gente, vai acontecer eu falei pra ela, tá, mais ou menos daí normal, tinha vez que ela deixava eu sozinha com ele e a gente não fazia nada assim ai ela ligava lá: Michelle, você tomou o remédio direito esses dias, ai eu falava ai mãe calma, não porque cuidado, não sei o que lá, e também fica assim, lógico que não quer que eu engravide de jeito nenhum mas ela fica também assim por causa da mãe dele assim, entendeu, as vezes eu vou na casa dele e a mãe dele sai ai ela fica, ó, não fica lá não porque a mãe dele não gosta.

O trecho acima apresenta construções interessantes de Michelle sobre si mesma e sobre a díade mãe e filha. Ressaltando a singularidade de seu relacionamento com sua mãe em contraste com amigas que não contariam com tal proximidade com suas mães, Michelle apresenta um espaço no qual a comunicação e esclarecimento de dúvidas sobre assuntos íntimos faz-se possível. Esse espaço conecta-se fortemente com questões de sexualidade e saúde reprodutiva, já que Michelle introduz, logo no início da passagem, uma narrativa sobre uma visita a uma médica, provavelmente uma ginecologista, no qual as três podem tratar livremente de temas muitas vezes tabuizados nesse meio social. O fato da mãe de Michelle possibilitar essa comunicação é mostrado como resultando na decisão de Michelle de discutir com ela sobre o momento para sua iniciação sexual com José Mauro.

Essa conversa é apresentada como uma negociação na qual a mãe de Michelle tentaria, em vão, convencê-la a postergar o intercurso sexual para depois de casada, o que estaria de acordo com valores tradicionais. Mesmo no que se refere a questões nas quais mãe e filha discordariam, uma



atitude distinta daquela associada com a autoridade tradicional materna delinea-se na narrativa de Michelle. Nesse relato, a jovem ressalta não apenas a possibilidade de abrir-se com sua mãe, mas principalmente o apoio emocional e prático (em forma da facilitação para obter métodos anticoncepcionais) que esta propiciaria. Michelle destaca a disponibilidade dessa atitude materna de apoio mesmo que argumentações seriam eventualmente necessárias para que ambas cheguem a um acordo e o entendimento mútuo seja preservado.

Se esse posicionamento comunicativo no qual Michelle constrói sua trajetória ativamente e, ao mesmo tempo, conectada com sua mãe favorece, na primeira parte do relato, a decisão de romper com as expectativas maternas e iniciar a vida sexual antes de um casamento, na segunda parte do relato outras dimensões dessa construção vêm à tona. A implicação da mãe de Michelle com a atividade sexual dessa assume uma conotação de controle na narrativa sobre as recomendações e telefonemas vigilantes com as quais a mãe expressaria sua preocupação.

Essas elaborações sobre a construção social de experiências e significados conjuntivos apontam para a existência de conhecimentos compartilhados além daqueles adquiridos nos anos formativos, possibilitando discussões a respeito do conceito de geração previamente mencionado. Por outro lado, o potencial do conceito mannheimiano de geração é especialmente grande ao discutir unidades básicas de reprodução e mudança social, ou, em outras palavras, tanto a estabilidade ao longo do tempo como a renovação. Como discute Kohli (1996, p. 3), “é através da seqüência de gerações que sociedades tanto passam adiante suas tradições e recursos de pais para filhos quanto possibilitam aos jovens romperem com tradições e conferirem novos usos aos recursos”. Nessa citação é possível ver como o conceito de geração social se entrelaça com aquele de geração familiar em um movimento que, para além das interações familiares, torna processos de generatividade e individuação relevantes para a reprodução e renovação social.

Bibliografia

ARENDR, Hannah. *Was ist Politik? Fragmente aus dem Nachlass. Hrsg. von Ursula Ludz.* München/Zürich: Piper, 1993

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BOHNSACK, Ralf. *Rekonstruktive Sozialforschung.* Opladen: Leske + Burdich, 1991

DAUSIEN, Bettina. *Erzähltes Lebe, erzähltes Geschlecht?* Feministische Studien, volume 19, número 2, 2001, p. 57-73.

ERIKSON, Erik H. *Childhood and society.* New York: Norton, 1963.



KETTLER, David e MEJA, Volker. *Karl Mannheim and the crisis of liberalism*. New Brunswick and London: Transaction, 1995.

KING, Vera. *Die Entstehung des Neuen in der Adoleszenz*. Opladen: Leske + Budrich, 2002.

KOHLI, Martin. *The problem of generations: Family, Economics, Politics*. Budapest: Collegium Budapest, Public Lectures Series 14, 1996.

MANNHEIM, Karl. Das Problem der Generationen. In: Karl Mannheim, Kurt Wolff (org.). *Wissenssoziologie: Auswahl aus dem Werk*. Berlin: Luchterhad, 1964 [1928].

ROSENTHAL, Gabriele. *Introduction: Family History- Life Stories*. History of the family, volume 7, número 2, 2002, p. 175-182.